

Bandolim para todos

O virtuose Hamilton de Holanda toca no Rio e em festival francês, grava na Itália e sonha com a popularização da música instrumental

Caroline Menezes

Ele costuma dizer que gosta de tocar como se estivesse num Maracanã lotado. Aos 28 anos, o bandolinista e compositor Hamilton de Holanda caminha em ritmo acelerado nessa direção, levando sua música a um público tão diverso quanto o de um estádio de futebol. Com oito discos gravados, o carioca de sotaque brasileiro tem entre a platéia cativa anônimos apreciadores da boa música instrumental – como os que estarão no Centro Cultural Carioca hoje, a partir das 21h, quando ele apresenta seu disco mais recente, Música das nuvens e do chão. Entre os admiradores incluem-se os especialistas do mercado fonográfico que verão o artista tocar, no dia 25 deste mês, na maior feira de gravadoras independentes do mundo, a Midem, de Cannes.

Da França, Hamilton voa para a Itália, onde grava um novo disco pelo selo Abaco. Os fãs italianos foram conquistados pelo livro-CD Appunti de viaggio, que o artista lançou no ano passado pelo mesmo selo. O álbum atual conta com a participação do respeitado acordeonista francês Richard Galliano.

– Quem ouve minha música percebe influências de Guinga, Baden Powell, Luiz Gonzaga, a nata da MMM, isto é, a Melhor Música do Mundo – diz o músico, que não se separa de seu bandolim de dez cordas, de rara sonoridade. Apresentações internacionais não são novidade na carreira de Hamilton, que já esteve em diversos festivais, como o Fête de la Musique, na França; o Jazz Fest Wien, na Áustria; e o Brazilian Music Festival de Istambul, na Turquia. No Brasil, ele toca com estrelas como Beth Carvalho, Zélia Ducan, Djavan, Dona Ivone Lara e Cesária Évora.

Com uma movimentada agenda de shows e gravações, o bandolinista acabou tendo que abandonar as aulas que ministrava desde os 16 anos. Mas ainda consegue repassar sua técnica aos alunos em alguns workshops. Ano passado, na cidade francesa de Lunel, quase ensinou padre a rezar missa.

– No último dia do curso, um aluno pediu para que eu passasse uma música para o baixo. Mas um outro se levantou e se propôs a ensinar o colega para eu não ter de interromper a aula. Depois fui saber: era John Paul Jones, baixista do Led Zeppelin – diverte-se o professor.

Em troca da gentileza, no encerramento da oficina Hamilton convidou o baixista inglês para dar uma palhinha:

– Estávamos tocando Santa morena, de Jacob do Bandolim, e ele solou à frente de 20 bandolinistas. Depois me abraçou emocionado e revelou que jamais havia feito um solo de contrabaixo.

Nascido no Rio e criado em Brasília, para onde seu pai, oficial da Marinha e músico, fora transferindo junto com a família, Hamilton de Holanda aprendeu a tocar o instrumento aos 4 anos. Menino prodígio, ele bebeu na fonte do choro desde os primeiros acordes. Chegou a fazer dupla com o irmão Fernando César, ao violão, em congresso de superdotados.

– Era uma coisa assombrosa os dois moleques tocando choro. Imagina isso nos anos 80, época de Plebe Rude e outros grupos de rock! – lembra, rindo.

Aos 16 anos, ainda em Brasília, Hamilton já era professor de choro. Com um pé plantado na tradicional música brasileira e outro no ritmo da moda, ele chegou a ser baixista da banda de rock Entregadores de Pizza.

– Eu não faço mais choro, embora tenha nascido dentro dele. Hoje, deixo a cargo dos especialistas identificarem o tipo de música que toco – desafia o bandolinista, referindo-se às críticas dos puristas ao seu trabalho.

O artista diz que estudou o suficiente para se dar o direito de tentar algo novo. Afinal, o bandolim oferece muitas possibilidades ao instrumentista, que não precisa se restringir a um estilo.

– Na árvore que está crescendo, a raiz é o choro. Mas não quero me limitar e sim fazer algo contemporâneo – detalha ele, que lançou Hamilton de Holanda (2002); Abre alas e Luz das cordas (2001), com Marco Pereira; Dois de ouro (2000), com o irmão Fernando César; Prêmio Visa de MPB Instrumental e A nova cara do velho choro (1998); e Destroçando a macaxeira (1997).

O reconhecimento de Hamilton de Holanda pelo público e pela crítica como um virtuose da música instrumental brasileira prova que ele está conseguindo o que quer. Para o crítico do JB Tárík de Souza, por exemplo, ele é um craque do bandolim. Para o multiinstrumentista Hermeto Pascoal, ele é o melhor bandolinista do mundo.

Parte de tanto prestígio ele deve ao desenvolvimento de um trabalho autoral. O que só foi possível com a bolsa de estudo na França concedida em 2001 pelo prêmio Icatu de Artes: – Fui para lá sozinho, sem falar um “a” em francês. Tinha de me virar musicalmente. Pela primeira vez, estava sem parceiros. Foi assim que criei um repertório solo.

A solidão profissional foi a mãe do bandolim de dez cordas – duas a mais que o instrumento tradicional. Habitado a tocar em grupo, ele sentiu falta de alguns acordes na execução das músicas. Foi então que pediu a um artesão que desenhasse um instrumento especial.

– Dessa forma o bandolim fica adaptado para tocar só. Embora seja mais difícil de manusear, propicia mais acordes e som mais grave – explica o músico. Depois da temporada francesa, Hamilton realizou, enfim, o sonho de fixar-se no Rio com a mulher Cinara e a filha Rafaela, de oito meses. De volta à sua terra, ele é um dos que fazem campanha contra a pecha de elitista que muitos atribuem à música instrumental.

– Sempre achei que eu poderia atrair todo tipo de público com meu bandolim – insiste Hamilton de Holanda. E com razão.